

Nuevo Mundo Mundos Nuevos

Nouveaux mondes mondes nouveaux - Novo Mundo Mundos Novos - New world New worlds

Débats
2022

Aos olhos da mulher indígena: cartografia, espacialidade e gênero em expedições de mapeamento no Brasil meridional (século XVIII)

Through the eyes of the Indian woman: cartography, spatiality and gender in mapping expeditions in Southern Brazil (18th Century)

A los ojos de las mujeres indígenas: cartografía, espacialidad y género en expediciones cartográficas en el sur de Brasil (siglo XVIII)

DENISE A S DE MOURA

<https://doi.org/10.4000/nuevomundo.88268>

Traduction(s) :

Through the eyes of the Indian woman: cartography, spatiality and gender in mapping expeditions in Southern Brazil (18th Century) [en]

Résumés

Português English Español

Dessoterrar a espacialidade da mulher indígena de narrativas escritas e visuais de processos de mapeamento é um dos maiores desafios a serem enfrentados pela história da cartografia crítica latino-americana. Apesar dos avanços alcançados nos campos da história indígena, das mulheres e das relações de gênero, temas como mulheres nativas e territorialidade uma uma estética da ausência, da negligência e do desaparecimento ainda predomina. Através de documentos escritos, de um mapa e de dados etnográficos de povos Jê este artigo oferece um esquelético percurso metodológico percorrido para alcançar a subjetividade espacial da mulher indígena em uma expedição de mapeamento aos sertões do interior do Sul do Brasil ocorrida entre os anos 1768-1773.



To unearth the spatiality of indigenous women from written and visual narratives of mapping processes is one of the greatest challenges to be faced by the history of Latin American critical cartography. Despite advances in research on indigenous history in relation to the proactive role of women in colonial society, on crucial topics such as territoriality, an aesthetic of absence, neglect and disappearance is still accentuated. Through written documents, a map and ethnographic data from Jê peoples, this article shows that indigenous female subjectivity was achieved in a mapping expedition to the interior of southern Brazil that took place between the years 1768-1773 and in a cartographic image.

Desenterrar la espacialidad de las mujeres indígenas a partir de las narrativas escritas y visuales de los procesos cartográficos es uno de los mayores desafíos que enfrenta la historia de la cartografía crítica latinoamericana. A pesar de los avances en la investigación sobre la historia indígena en relación al papel proactivo de la mujer en la sociedad colonial, en temas cruciales como la territorialidad, aún se acentúa una estética de la ausencia, el abandono y la desaparición. A través de documentos escritos, un mapa y datos etnográficos de los pueblos Jê, este artículo muestra que la subjetividad femenina indígena se logró en una expedición cartográfica al interior del sur de Brasil que tuvo lugar entre los años 1768-1773 y en una imagen cartográfica.

Entrées d'index

Keywords: Women, Gender Stereotypes, Indigenous People, Geography, Cartography

Palabras claves: mujeres, estereotipos de género, pueblos indígenas, geografía, cartografía

Palavras Chaves: mulheres, estereótipos de género, povos indígenas, geografia, cartografia

Texte intégral

Introdução

- 1 Como seria o território aos olhos de uma mulher? Nas expedições militares, demarcatórias e científicas território adentro da América no século XVIII qual a influência da mulher indígena nos itinerários? Qual a relação entre uma mulher indígena e um mapa para além da sua representação pictórica em cartuchos? Um mapa pode conter evidências da espacialidade da mulher indígena? Quais as soluções metodológicas possíveis para fazer história da cartografia sob um prisma de gênero? Na história da cartografia são onipresentes as figuras masculinas de soldados, exploradores, cartógrafos, astrônomos, matemáticos, impressores, agrimensores. E onde estavam as mulheres, em especial as indígenas, considerando o espaço colonial? Por que não aplicar a a categoria mulher e e a categoria de análise gênero na compreensão da história da cartografia, do mapeamento e da espacialidade?
- 2 Em todas as áreas das ciências e, em particular da História, questionar e formular metodologias sob o prisma da mulher e das desigualdades de gênero têm sido um dos maiores desafios enfrentados por pesquisadoras/es desde a década de 1980 e especialmente a partir dos anos 2000¹ e apesar deste já ser um campo de pesquisa consolidado e de produção expressiva² ainda existem ausências da agência feminina em alguns processos históricos e espaços sociais que podem passar como algo natural.
- 3 Na história da cartografia da América colonial em particular a mulher ainda é uma personagem em grande medida invisível. Algumas pesquisas têm surgido, mas são ainda pontuais, baseadas em recortes cronológicos contemporâneos e em padrões de interrogação ainda dominantes na própria história da cartografia, que privilegia o *savant* ou o profissional vinculado a alguma instituição.
- 4 Livro recente escrutinou a figura da mulher profissional em cartografia atuando em instituições da América, tais como governos, companhias de comércio, sociedades, escolas, como produtoras de mapas, ³ Mas quando o recorte cronológico sobre o tema cartografia é levado para a época moderna e para os espaços coloniais da América, a ausência da mulher é marcante, mesmo nas pesquisas que aplicam a variável etnicidade na coleta e interpretação de seus dados
- 5 Embora a história da cartografia tenha sido impulsionada desde 2011 na América Latina, contando inclusive com o franco engajamento de mulheres tanto na produção de pesquisas como na organização e institucionalização da área⁴, ainda não existem resultados

eloquentes em livros, artigos ou comunicações de pesquisa inclusivos da variável gênero na compreensão do mapeamento, dos mapas e do processo de elaboração de imagens de espaços, lugares e territórios da América colonial. Recentemente, entretanto, um artigo chamou atenção para a possibilidade de abertura de novas frentes de investigação neste sentido, destacando, dentre outros pontos, para a necessidade de maior “engajamento em teorias espaciais críticas capacitadoras de novas linhas de inquérito a respeito de (...) gênero e sexualidade”.⁵

6 É inelutável que mapas são ferramentas de poder e propaganda de grupos políticos ou econômicos, mas interrogá-los sob perspectivas de gênero e étnicas pode trazer à tona outras subjetividades espaciais presentes nestes mesmos mapas e cuja invisibilidade foi produzida historicamente e socialmente.⁶ Sabe-se que o principal resultado científico da categoria de análise gênero nas ciências humanas foi desnaturalizar a invisibilidade de uma parte da humanidade invisibilizada e demonstrar que a “assimetria e hierarquia nas relações entre homens e mulheres” é fruto de relações de poder⁷, às vezes de manifestação tão sutil que pode escapar à mais afiada metodologia

7 Arevisão do padrão ideal de cartografia formulado no século XIX promovida pela ideia de processo de mapeamento como conjunto variado de práticas contribuirá para a abertura de linhas de inquérito de gênero neste campo. Conforme escreveu um dos principais teóricos contemporâneos em história da cartografia, “nós podemos estudar os vários modos das práticas de mapeamento, cada parte do discurso espacial diferenciado por suas várias concepções espaciais. Nós necessitamos desprivilegiar ‘o mapa’ e explorar a constituição de cada modo como uma mistura de práticas descritivas (gráficas e verbais) e incorporativas (performáticas)”.⁸

8 Seguindo nesta direção teórico-metodológica este artigo apresenta algumas esqueléticas notas sobre a subjetividade espacial da mulher indígena – entendida como o conjunto das suas práticas sociais rotineiras no grupo étnico – e sua influência no processo de mapeamento e na elaboração de uma imagem cartográfica. O objetivo, portanto, é mostrar como a espacialidade e a constituição da imagem do interior do território americano contaram também com a variável sexo e foram resultado de relações de gênero. Homens europeus ou mamelucos (mestiços) estiveram juntos com mulheres indígenas no mesmo empreendimento de percorrer territórios para mapeá-los, mas a mulher foi invisibilizada. A leitura das fontes guiada por lentes de gênero pode retirá-las dessa invisibilidade, como vem fazendo algumas pesquisas para outras realidades da história da América.⁹

9 Apenas ao final de uma pesquisa mais ampla sobre processo de mapeamento ocorrido em parte do território do Brasil Meridional entre 1768-1773 foi constatado o potencial de alguns dados para identificar a espacialidade da mulher indígena e sua influência em itinerários e mapas. Este texto, portanto, pretende ser uma fonte de inspiração para que futuras pesquisas assumam uma agenda de gênero na pesquisa em história da cartografia colonial já no ponto inicial de seus projetos.

10 Neste artigo foram usadas instruções oficiais para a organização das expedições ocorridas no período citado acima em região correspondente ao atual noroeste do Estado do Paraná, dados etnográficos dos povos Jê levantados em artigos e teses, diários de soldados reunidos em manuscrito de 362 páginas¹⁰ e um mapa de corrente de rio desenhado por um padre beneditino. Dividido em quatro partes este artigo primeiro identifica a presença da mulher nestas expedições e indaga sobre seu súbito desaparecimento da narrativa escrita; na segunda parte a espacialidade da mulher indígena Jê é mostrada através de dados etnográficos; na terceira esta espacialidade é mostrada em pontos do itinerário dos soldados e por fim em um mapa.

Estética do desaparecimento, do esquecimento e da negligência

11 Se a história dos índios na América do Sul é marcada por uma estética do desaparecimento de longa duração diagnosticada desde pelo menos três décadas atrás pela historiografia¹¹, esta estética ganha maior nitidez quando a variável sexo é introduzida. Se dentre os vários desafios vencidos pelas pesquisas nestes últimos anos um deles foi

demolir a figura do índio genérico e revelar a diversidade do ambiente etnográfico do Brasil¹², começam a surgir pesquisas especificamente sobre a mulher indígena e críticas da mera sexualização da relação entre portugueses e índias, herdada de clássicos da historiografia, como Casa Grande & Senzala. Tais estudos têm mostrado que as uniões formais ou consensuais entre estas mulheres e o colonizador tinha caráter político cultural, funcionando como via de acesso, aceitação e reconhecimento nas complexas instituições políticas das sociedades indígenas¹³.

12 Apesar de avanços como estes ainda persiste uma estética da ausência feminina indígena em muitos tópicos da história do colonialismo moderno americano. Alguns estudos ainda endossam o estereótipo da liderança política indígena masculina¹⁴. Em relação à história da formação territorial, das territorialidades, mapeamento, cartografia, expedições de mapeamento e itinerários ocorre o mesmo e estes tópicos são discutidos como domínios marcados pela ação de homens.

13 Abordagens críticas das epistemologias acentuadamente ocidentais e masculinas do espaço e do território – e por extensão ao próprio entendimento dos processos de mapeamento – devem, segundo algumas teóricas feministas, “também desafiar sua organização espacial e visual’ e procurar criar novas concepções de espaço-tempo, lugares, habitação e identidade”¹⁵. Mas também devem ser formuladas novas metodologias e uma atitude de maior desconfiança dos discursos das fontes, geralmente produzidas por figuras masculinas. Muitas vezes o pesquisador/a vê-se diante do súbito desaparecimento da mulher dos documentos de época após uma única e rápida menção, capaz de provocar uma não atribuição de relevância a estes dados, cujo exame certamente contribuiria para revelar e superar desigualdades de gênero presentes na abordagem da formação territorial e da história do espaço e da cartografia.

14 Esta estética de lançar e repentinamente fazer desaparecer do documento a mulher indígena, desencadeando a negligência em relação à sua figura aparece na vastíssima documentação¹⁶ escrita formada por vários tipos de documentos – ofícios, instruções, ordens de serviço, memórias, diários, cartas – produzidos durante as expedições de mapeamento de território então conhecidos no século XVIII como sertões do Tibagi, situados entre os rios Paranapanema e Iguçu.

15 Estas expedições foram organizadas pelo governador português D. Luis de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, nomeado pela Coroa portuguesa para assumir o governo desta capitania em 1765, como parte do processo de projeção do Império sobre terras disputadas com a Coroa de Espanha.

16 Antes mesmo das expedições terem início um regimento emitido para um dos futuros comandantes de uma das expedições oficializava o papel de mulheres indígenas, as ditas línguas, expressão usada para se referir aos intérpretes, no empreendimento de mapeamento, cujo desenrolar não só encontraria muitas comunidades indígenas, como dependeria das suas permissões para penetrar o território, como já foi mostrado para o espaço colonial platino.¹⁷ Para o coronel Francisco Pinto do Rego foi determinado que todas as nações encontradas nos sertões deviam “mandar praticar pelas línguas que leva, para que se metão de paz, e abrasem a nossa Santa Fé”¹⁸.

17 Um dos capitães também recebeu a ordem do comandante geral, Afonso Botelho de Sampaio e Souza de que deveria:

“vestir a Índia que vay para servir de lingoa e em companhia de meya dúzia de homens a mandar á adiantar do mais corpo e pela sua ligoa os chamará e procurará vir á fala com eles, e se Deos for servido tenham praticas se chamará ao Padre Capellão para ensinar à lingoa que deve dizer-lhe e o que delles se pretende”.¹⁹

18 A índia, preparada para servir como língua seguiria na dianteira dos homens, ou seja, teria a responsabilidade de abrir caminho. Quem segue à frente visualiza os obstáculos e facilidades e, portanto, pode imprimir sua própria direção e marcha a um itinerário. O padre capelão autor de um mapa seguiu ao lado da mulher e ambos funcionariam como pontes entre exploradores e comunidades indígenas.

19 Em carta ao governador, o comandante geral ao narrar sua entrada, juntamente com tropa de soldados por um determinado rio disse ter observado muitos sinais de índios ao longo do itinerário e antecipou o êxito de sua missão por levarem uma “lingoa” que lhes facilitaria a comunicação”²⁰. Posteriormente, o governador em ofício celebrou a feliz

entrada nos Campos de Guarapuava, limítrofes aos sertões do Tibagi e o sucesso da tropa em ter-se “comunicado muito facilmente com os índios habitadores delles”, êxito este que somente poderia ser atribuído à língua que seguia com eles.²¹

20 Seguir à frente de comitivas masculinas era uma função exercida por mulheres nas sociedades indígenas. Os Kaingang, uma das etnias da família linguística Jê, acreditavam no poder de adivinhação das mulheres e as consultavam como oráculos, colocando-as à frente das expedições. Na ocasião dos ritos fúnebres, a viúva seguia à frente do corpo de seu marido, carregado por um *péne* – uma categoria social – para este não pisar no “rastros do defunto”.²².

21 O colonizador incorporou esta função da mulher nas sociedades indígenas, mas negligenciou a sua figura nas suas narrativas em função das relações de gênero, produzidas e legítimas historicamente por ações sutis, como não mencionar a ação do outro. Em outros espaços da América foi observado o mesmo costume das mulheres indígenas seguirem à frente das comissões diplomáticas no século XVIII. Tal atitude foi explicada pela desconfiança na figura masculina desencadeada pela experiência de confrontos violentos no contato entre comunidades indígenas e colonos²³. Diante disto, a mulher tendeu a assumir a dianteira de expedições, fossem de mapeamento ou diplomáticas e certamente esta função deu-lhe oportunidade de expressão de sua subjetividade espacial.

22 Na volumosa e detalhada descrição do dia a dia e acontecimentos dos três anos de expedições nenhuma menção a mais à figura da mulher indígena foi encontrada. O que aconteceu com esta língua preparada e encarregada de seguir à frente das expedições? Se houve sucesso na comunicação com os índios, conforme afirmou o comandante, como explicar o desaparecimento da mulher que seguia à frente da narrativa? O padre, figura masculina, não só escreveu diários, nos quais em momento algum mencionou a presença da língua, como foi um personagem recorrente nos diários escritos por outros soldados e nos ofícios trocados entre o governador e o comandante geral.

23 Uma narrativa masculina sem espaço para a memória da figura da mulher dificilmente iria notá-la, mesmo em situações de risco de vida e sofrimento, quanto mais nas de liderança de figuras masculinas desacreditadas e sem habilidades de comunicação a ponto de dependerem de uma “língua” que lhe abriria caminho no mato e entre os índios.

Estética da presença na subjetividade espacial da mulher indígena

24 Espaço, lugar e paisagem, componentes do território, não são neutros, meras realidades físicas, topográficas ou subjetividades universais, mas são definidos e construídos de acordo com memórias de percursos e ações de gênero²⁴. O espaço é organizado e definido por uma razão masculina excludente da experiência feminina conforme afirmam geógrafas feministas. Como a maior parte das narrativas de viagens e exploração do século XVIII foram feitas por homens pode-se concluir que o movimento e a ação da mulher indígena no espaço foram em grande medida negligenciados pelas relações de gênero, que leva às diferenças e hierarquias entre os sexos. Como foi concluído gênero é a organização e a produção de um saber da diferença sexual.²⁵

25 Nas sociedades indígenas homens e mulheres não percorrem, usam, ocupam e agem sobre o espaço da mesma maneira, mas de acordo com os papéis sociais de cada um. Os então sertões do Tibagi e Campos de Guarapuava eram ocupados por várias comunidades indígenas falantes do Tupi e do Jê originadas de vários processos de etnogênese ocorridos nos séculos XVIII e XIX com o avanço da exploração colonial para o interior do continente. No século XVIII os Xokleng, falantes do Jê, eram uma das etnias que ocupavam estes sertões.²⁶. Estes foram absorvidos pelos Kaingang formados no século XIX, também falantes do Jê. Por terem se tornado o etnônimo predominante os Kaingang foram mais pesquisados e dados de sua organização social foram os utilizados para descrever a espacialidade Jê

26 Os povos Jê foram primeiramente descritos por Curt Nimuendajú e Telêmaco Borba²⁷ e nos últimos anos têm sido intensamente pesquisados, especialmente na região onde aconteceram as expedições de mapeamento tratadas neste texto. Tais pesquisas são uma

fonte de dados para a compreensão da espacialidade da mulher Jê, em termos de movimento e ações²⁸.

27 Segundo estas fontes mulheres eram intermediárias na relação com os grupos Tupi-Guaranis, históricos inimigos dos povos Jê, e, portanto, percorriam espaços de fronteiras entre estes povos²⁹. A territorialidade Jê era formada por um tripé cosmológico dividido em três níveis e cada um destes possuía domínios e fronteiras internas. Considerando apenas o nível “terra” este era formado por três domínios: casa, espaço limpo e floresta virgem e suas fronteiras tais como a fonte d’água, a roça e o terreno da casa.³⁰

28 No espaço limpo a mulher tinha um papel central e era a área de cultivo da subsistência do grupo³¹. Pesquisas mostraram mulheres indígenas na América à frente de vilas agrárias que se tornaram celeiro da comunidade. O trabalho feminino no plantio, colheita, preparo dos alimentos e artesanato foi responsável pela sedentarização de grupos étnicos e complementava as atividades de caça do homem no sustento da comunidade³². No espaço limpo jê ocorria o cultivo das sementes do milho, da mandioca e do amendoim a preparação do milho para consumo alimentar na forma de farinha ou espigas assadas ou cozidas e a confecção de objetos rituais ou para armazenar alimentos.

29 O cultivo de outros alimentos também era uma das tarefas das mulheres indígenas no espaço limpo, tais como feijão e abóbora³³. O artesanato é um domínio da mulher Jê, da colheita da matéria prima ao preparo das fibras, através do seu entrançamento, preparação de rolos para armazená-las e poderem produzir balaios, peneiras e cestos³⁴. Estes utensílios eram usados para armazenar a alimentação da comunidade tanto em paíóis como submergidos nos rios, em cestos revestidos com cera e com isto garantir a subsistência por todo o ano³⁵.

30 No domínio da floresta virgem o trabalho da mulher indígena correspondia à colheita das frutas, pequenas larvas, insetos, urtigas, folhas de coqueiro e outras raízes como as mandiocas³⁶.

31 Portanto, a subjetividade espacial feminina estava diretamente relacionada às áreas planas da região, margens de rios, aos lugares de cultivo, armazenamento dos alimentos e confecção dos utensílios básicos da vida cotidiana do grupo. Curiosamente lugares recorrentemente descritos nos diários e tracejados em um mapa de um padre sem olhos para a língua que o acompanhava.

Paisagens percorridas e territórios construídos com olhos de mulheres indígenas

32 A figura do intermediário, para alguns “go-between” tem sido esquadrihada por abordagens recentes inclusivas dos vários agentes sociais envolvidos no contato colonial. Dentre estes intermediários estão índios, mamelucos, capitães de embarcações, marinheiros, comerciantes, padres das várias ordens religiosas, cartógrafos, exploradores, funcionários régios³⁷. Alguns autores defendem ser possível avaliar a presença e importância da mulher como “go-betweens”³⁸. No que diz respeito à mulher indígena, exceptuando aquelas que se casaram com europeus e cujas histórias serviram para a produção das identidades regionais e nacional no século XIX, tais como Catarina Paraguaçu ou Bartira, a maioria delas é anônima e de difícil visibilidade nas fontes³⁹. Entretanto é cada vez mais admitido na historiografia sua condição de agente na consolidação da sociedade colonial. Como intérpretes, ou “línguas” de soldados seguindo à frente expedições de mapeamento estas mulheres manifestaram sua subjetividade espacial ao conduzirem estes soldados por caminhos que levavam a locais onde ocorriam as práticas femininas rotineiras de manutenção de seu grupo. Sua figura humana, contudo, foi negligenciada pelas vozes masculinas encarregadas de descrever estes percursos.

33 Em um destes diários foi descrito que a certa altura de uma das expedições a tropa alcançou um campo onde encontrou “um rancho comprido” no qual havia um “paiol de gentio onde guardavam seus mantimentos das roças (...) e dentro do paiol muito milho, feijão em cestos, abobras”⁴⁰. Assim que recebeu a notícia desse episódio ocorrido no

percurso dos soldados o o tenente “tomou a resolução de entrar com toda a sua partida aos campos”⁴¹. As produções de alimentos das das roças eram atribuições da rotina da mulher, que as obrigava a se dirigir e permanecer nestes espaços de produção agrária alimentar. Se os soldados alcançaram estes ranchos e eram guiados por uma mulher indígena – embora esta tivesse sido mencionada apenas no início da expedição – pode-se inferir sobre a possibilidade da sua influência em seguir esta direção. Por outro lado, a decisão do tenente de adentrar ao campo se deu quando teve conhecimento da notícia dos soldados terem encontrado estes ranchos de alimentos que diziam respeito à espacialidade feminina indígena. Percurso e logística da expedição, portanto, sofreram de algum modo influência dessa subjetividade espacial de mulheres indígenas.

34 Embora a fonte omita a presença da mulher indígena ao longo do itinerário da expedição, sabendo-se que coube a ela seguir à frente, quem ocupa esta posição dianteira em um percurso termina por influenciar a sua direção pois tem a visualização em primeira mão dos obstáculos, perigos e facilidades de um caminho. E foi justamente na expedição que desceu o rio de D. Luis que os soldados ao se defrontarem com uma parte muito cheia e uns altos paredões decidiram voltar para o mato e seguir “marcha té um laranjal” onde fizeram “pouso com duas léguas de marcha”⁴². Este episódio aponta para uma outra evidência da influência da mulher indígena no percurso e logística da expedição, tendo ocorrido a decisão de buscar um local de salvaguarda, tendo sido este justamente em um laranjal. A colheita dos frutos, componente da subsistência do grupo, era uma responsabilidade da mulher indígena e, portanto, espaços de árvores frutíferas faziam parte de sua rotina cotidiana.

35 Já na altura dos campos de Guarapuava os soldados chegaram a outro “rancho de gentio” e nestes avistaram

“várias alcofas e cestinhas (...) uma fita branca trançada a maneira de liga, dois novelos de fios muito bem fiado, panelas, porongos ou cabaças grandes (...) nas fontes circunvizinhas milho de molho e nos lagos pinhões e outros víveres de que costumão sustentar-se”⁴³.

36 Estes eram objetos ligados ao artesanato e ao preparo e conservação das sementes usadas na alimentação dos Jês. Uma fotografia tirada por Kurt Nimuendajú exhibe esta relação entre a mulher Kaingang, o artesanato da tecelagem e sua espacialidade.

Figura 1 – «Mitos indígenas inéditos na obra de Curt Nimuendaju»



Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1986, n. 21, p. 88.

37 Na altura de um dos rios, nomeado como rio Jordão os soldados alcançaram um outro rancho e se viram diante de

“vários trastes de uso dos índios como (...) linho em estriga de que fazem os seus panos e mostra que os tiram das ortigas grandes, três cochês grandes bemfeitos (...) e levará cada um de sete alqueires de milho para cima, balaios, cestos bem tapados e bem rebocados por fora e por dentro com cêra, que se supõem ser para trazerem água das fontes”⁴⁴

38 Os Jê produziam um tipo de linha com fibra de urtiga usada para confeccionar suas vestes e a estriga, segundo o dicionarista francês do século XVIII, Raphael Bluteau, significava “hum pouco de linho, passado já no redeiro capaz de fiar”. O cochê certamente ser referia ao cocho, um tipo de tabuleiro para guardar milho. E os balaios revestidos em cera para serem mergulhados nos rios e refrigerarem os alimentos, também artefatos confeccionados pelas mulheres.

39 Ao apearem em um terreno encontraram “quarenta e seis jacazes⁴⁵ e três de farinha, pouco feijão, pilões bem-feitos com mãos de pedras” e mais adiante outros pilões com o acréscimo da informação de que nestes pilões “os índios pisavam o milho para comerem”, atividade esta ligada às responsabilidades da mulher no grupo.

40 Ao descerem a corrente de um rio o qual colocaram o nome do governador encontraram a barra de um outro e grandes laranjais e bananais, um espaço, como visto acima, que dizia respeito ao cotidiano de trabalho das mulheres, que os soldados alcançaram certamente pela influência da “língua” que os conduzia, mas que recebeu o nome de um homem.⁴⁶ Nas relações de gênero, que compõem as relações sociais, o poder e as hierarquias entre os sexos se impõem sutilmente, em atos que podem parecer naturais de omitir e dar nomes . Os soldados ao percorrerem os campos de Guarapuava toparam ainda com “muitas bananas, e se comeu bastante cachos, muita laranja doce e azeda, limões, cidras, canas do reino”, ou seja, o domínio da floresta virgem percorrido pela mulher encarregada da rotina de colher as frutas para a subsistência do grupo étnico e que no contexto de uma expedições de mapeamento matava a fome de soldados guiados até ali pelos olhos de uma mulher.

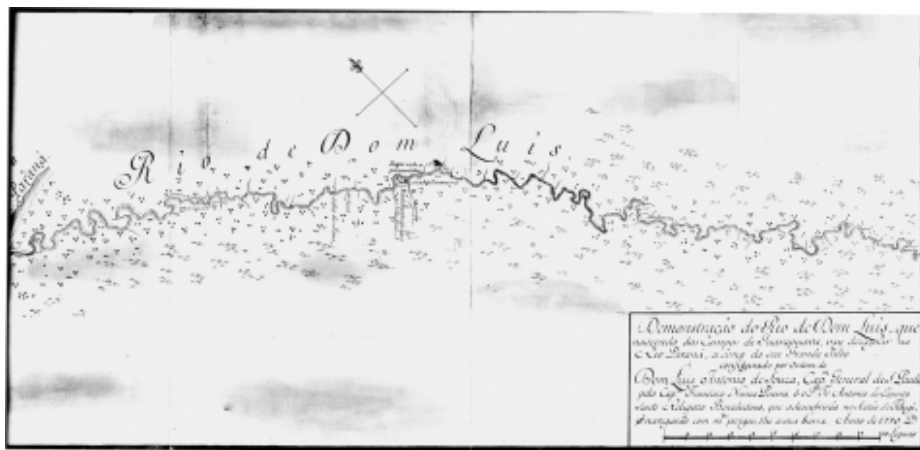
Olhos de mulheres indígenas na cartografia da América

41 Certamente um dos próximos desafios a serem enfrentados pela história da cartografia latino-americana será dessoterrar das linhas dos mapas a espacialidade das mulheres indígenas tendo em vista seu papel central como intermediárias no processo da colonização.⁴⁷

42 Mapas produzidos durante expedições de mapeamento nos espaços coloniais embora tragam vários elementos visíveis da percepção espacial masculina e possam ser considerados umas das ferramentas para as desigualdades de gênero, pois consagram a centralidade do homem como produtor de espaço, também exibem vestígios da espacialidade feminina indígena. Assim sugere o mapa desenhado pelo frei que seguia à frente das duas primeiras expedições aos sertões do Tibagi, acompanhado da mulher indígena intérprete.

43 O desenho deste mapa contou ainda com a parceria de um capitão responsável por primeiramente encaminhá-lo como documento complementar de um ofício ao comandante geral Afonso Botelho em janeiro de 1770⁴⁸. Em setembro deste mesmo ano o desenho novamente teve um encaminhamento oficial, desta vez para o conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, e secretário do rei.:

Figura 2 – Projecto ou plano ajustado por ordem da S.M.F. entre o Gov.or Cap.am Gen. al de S. Paulo D. Lvis An.to Sovza e o Brigadeiro Jozé Custódio de Sá e Far.a.



De todos os serviços que se devem obrar, e de todos os Socorros que se devem sustentar nesta parte Meridional da América Portuguesa [manuscrito].

Biblioteca Nacional, [S.L.; s. n.], 1772, 981,61.

44 Este mapa manuscrito colorido, mas em uma reprodução digital preto e branco, sem referências de dimensão e tipo de tinta, atribuída explicitamente a autoria ao padre e ao comandante no cartucho na margem inferior à direita: “Demonstração do Rio de dom Luís, que nascendo dos Campos de Guarapuava, vay desaguar no rio Paraná, acima do seu grande salto configurado por ordem de Dom Luis Antonio de Souza Capm. General de São Paulo pelo Capm Francisco Nunes Pereira e o Pe. Frei Antonio do Espírito Santo, religioso Benedictino, que o descobrirão no sertão do Tibagi e navegarão com mtos, perigos the a sua barra. Anno de 1770”.

45 O título do mapa, tal como o próprio nome conferido ao rio, fixava a autoria masculina do território, como o fizeram a maior parte dos mapas produzidos em expedições científicas, demarcatórias e de mapeamento do século XVIII, o que contribuiu para formar o estereótipo masculino do explorador de territórios, agente ativo no espaço e criador de sua representação visual. O nome do governador estampado em caligrafia centralizada e destacada no cartucho funcionava como um fixador da memória de atuação deste funcionário régio no território.

46 Na intertextualidade⁴⁹ do mapa com a correspondência do governador e do capitão Francisco Nunes existem evidências do olhar e da agência feminina sobre o território, como o ato de colher frutas. Um ofício de D. Luis para o Conde de Oeiras dizia que na conta 21 havia sido enviado um mapa marcado com o mesmo número no qual era descrito principalmente o rio de D. Luis, “com todos os rios que entram nelle, as picadas que se formarão para o seu descobrimento e a qualidade de boas árvores frutíferas de que abundam às suas margens, animais e pássaros silvestres que a povoão”⁵⁰.

47 A topografia de um terreno submetido a um processo de exploração, conhecimento e mapeamento é associada nas narrativas dos diários ou nos escritos oficiais ao desconhecido a ser desbravado, aos perigos oferecidos pelos acidentes naturais a serem enfrentados com coragem e força. As correntezas de rios, tão difíceis de entender e navegar devido a imprevisibilidade das quedas d’águas, dos redemoinhos e das pedras que ofereciam uma série de obstáculos fortuitos para os barcos e falsos terrenos firmes para os pés foram argumentos amplificadores destas qualidades associadas ao masculino. Correntezas de rios foram minuciosamente descritas pelos soldados em seus diários. Neste sentido, a escolha do governador de uma correnteza de rio, ao invés de uma montanha, serra, vale ou caminho para estampar o seu nome e a sua memória de atuação certamente não foi neutra em relação às construções das desigualdades de gênero presentes na definição do espaço e do território.

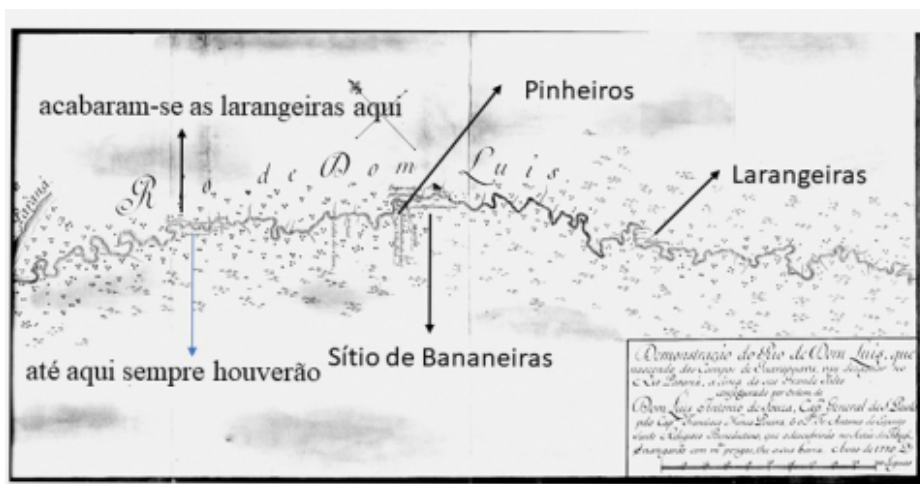
48 Mas como expresso no próprio ofício acima e no desenho, nas margens das correntezas dos rios abundavam os espaços das árvores frutíferas ou do espaço limpo, frequentado rotineiramente pelas mulheres indígenas para a realização de suas responsabilidades coletivas. Na imagem cartográfica frases curtas colocadas em certos pontos da correnteza do rio sinalizavam para os locais destas árvores frutíferas, também descritas nos diários como locais onde os soldados e comandantes saciaram suas necessidades vitais.

49 Abaixo foram sinalizados nos mapas os locais destacados pelo padre e pelo capitão e correspondentes à espacialidade da mulher indígena. A presença desta subjetividade

espacial em um mapa indica que a mulher foi mais do que um elemento pictórico em um cartucho, como recorrentemente é discutido na cartografia colonial⁵¹. A agência feminina no território, a qual o padre teve contato, por seguir acompanhado da “língua”, foi transposta para os traçados de um mapa.

50 Nas duas margens do rio os mapeadores avistaram e mediram até onde chegavam os laranjais com frases como “acabaram-se as laranjeiras aqui” ou “até aqui sempre houveram”. Também observaram e colocaram no desenho o “sítio das bananeiras”, bem como os pinheiros, árvores da qual os povos indígenas da região sul do Brasil se abasteciam da semente do pinhão, gênero alimentício ainda hoje muito característico da dieta regional.

Figura 3 – Projecto ou plano ajustado por ordem da S.M.F. entre o Gov.or Cap.am Gen. al de S. Paulo D. Lvis An.to Sovza e o Brigadeiro Jozé Custódio de Sá e Far.a.



De todos os serviços que se devem obrar, e de todos os Socorros que se devem sustentar nesta parte Meridional da América Portuguesa [Manuscrito].

Biblioteca Nacional, [S.L.; s. n.], 1772, 981,61. Destaques feitos pela autora.

51 Como o capitão Francisco Nunes expressou com entusiasmo em ofício de encaminhamento deste mapa a Afonso Botelho e relatando sua descida pelo rio de D. Luis, “topamos muitas bananas (...) muita laranja doce e azeda, limões e cidras, canas do rio”⁵². Manuseando a estética da omissão em sua narrativa entusiasmada pelo encontro de tantas árvores frutíferas pelo caminho, o capitão esquecia-se da índia que havia sido vestida para seguir como “língua” à frente da expedição e descrevia uma paisagem evocativa de um paraíso sem Evas e feitos por Adãos.

Conclusão

52 Este texto sugere através de notas esqueléticas uma solução metodológica para verificar a espacialidade feminina indígena em um processo de mapeamento. Nestas linhas as mulheres indígenas não são entendidas como simples informantes de geografia ou representações pictóricas em cartuchos, mas como portadoras de uma subjetividade espacial influenciadora de itinerários, logística expedicionária e imagens cartográficas.

53 Na tradição dos grupos étnicos da América a mulher ocupava a posição dianteira em expedições por ser vista como um oráculo ou por ter função de proteção do espírito do morto em ritos fúnebres. O colono incorporou esta prática indígena para lidar com a desconfiança de traição depositada sobre a figura masculina e passou a colocar mulheres na dianteira das expedições diplomáticas. Como línguas estas indígenas também foram cabeça de expedições científicas, demarcatórias e de mapeamento. Entretanto, foram mencionadas apenas nos preparativos destas expedições e em seguida omitidas na narrativa escrita dos percursos Este foi um procedimento da estética do desaparecimento que levou à omissão desta presença, com repercussões posteriores na própria história das mulheres, das relações de gênero e indígena. e

54 Construir soluções metodológicas na aplicação de categorias de análise de gênero é um desafio que a história da cartografia latino-americana colonial terá de enfrentar para

prosseguir ampliando sua tradição crítica. Este será um trabalho de recolher fragmentos nas fontes, mas certamente o benefício futuro para a área será a de contribuir para revogar o estereótipo da figura masculina ativa na formação espacial e na história dos processos de mapeamento e exploração, alcançando assim conclusões de gênero mais equilibradas nestas questões.

55 Certamente neste esforço a antropologia será uma das principais aliadas pois é através de seus dados etnográficos analisados histórica e criticamente que pode ser alcançada a subjetividade feminina espacial estabelecida de acordo com suas funções sociais no grupo e entendermos por que um pilão de pedra ou um laranjal não são meras observações de olhos de padres e soldados, mas os próprios olhos de uma mulher.

Bibliographie

Barr, Juliana, *Peace came in the form of a Woman: Indians and Spaniards in the Texas Bordelands*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2007.

Basini, José, *Índios num país sem índios. A estética do desaparecimento: um estudo sobre imagens índias e versões étnicas*. Manaus, Editora Travessia/Fapeam, 2015.

Bockelman, Brian e Erbig Jr., Jeffrey A, «Still Turning Toward a Cartographic History of Latin America», *History Compass*, 2020, p. 1-15.

Borba, Telemaco M, «Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná», *Revista do Museu Paulista*, 1904, v. 7, p. 53-62

Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira, *Desenho e Desenho: o Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)*, São Paulo, EDUSP, 2011.

Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira, « Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo», *An. Mus. Paulo.*, São Paulo, 2009, v. 17, nº 2, p. 111-153.
DOI : 10.1590/S0101-47142009000200008

Caulfield, Sueann, «The History of Gender in the Historiography of Latin America», *Hispanic American Historical Review*, 2001, v. 81: 3-4, p. 229-490.
DOI : 10.1215/00182168-81-3-4-449

Corteletti, Rafael e outros, «News from de field: ou como um projeto internacional começa a sair do papel», *R. Museu Arq. Etn.*, 2016, 27, p. 197-212.

Corteletti, Rafael e Iriarte, José, «Recent advances in the Archaeology of the Southern Proto-Jê People», *Encyclopedia of Global Archaeology*, 2018, p. 1-11

Costa, Maria de Fátima, *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

Chmyz, Igor, «Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Piquiri», *Dédalo*, 1971, nº 13, p. 7- 31.

Cunha, Manuela Carneiro, «Introdução a uma história indígena», in Manuel Carneiro da Cunha (dir.), *História dos índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Dym, Jordana e Offen, Karl, *Mapping Latin America: a Cartographic Reader*, Chicago, The University of Chicago Press, 2011.

Edney, Matthew H., «Cartography, and its Discontents» *Cartographica*, 2015, 50-1, p. 9-13.

Erbig Jr., Jeffrey Alan, *Where caciques and mapmakers met: border making in Eighteenth-Century South America*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2020.

Garcia, Elisa Fruhauf, «Las categorías de la conquista: las mujeres nativas em el vocabulario del siglo XVI (São Vicente, Brasil)», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2019, consultado em 17 de março de 2021, URL: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.75613>
DOI : 10.4000/nuevomundo.75613

Garcia, Elisa, «As mulheres indígenas na formação do Brasil: historiografia, agências nativas e símbolos nacionais», in Georgina Santos e Elisa Garcia (dir.), *Mulheres do mundo atlântico: gênero e condição feminina da época moderna à contemporaneidade*. Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2020, p. 27-41.

Garcia, Elisa Fruhauf, «Mulheres Brasilis: as índias e a conquista do Brasil – século XVI», in Apolinário, Juciene Ricarte Apolinário; André de Almeida Rego (org.), *Novas Histórias dos Povos indígenas no Brasil: territorialidades da escrita interdisciplinar indígena e não indígena*, Salvador, Editora Saga, 2018;

Garcia, Elisa Fruhauf, *As diversas formas de Ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2009.

Harley, J. B, «Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe», in Paul Laxton, *The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography*, Baltimore e London,

The Johns Hopkins University Press, 2001, p. 83-108.

DOI : 10.1080/03085698808592639

Julio, Suelen Siqueira, Damiana da Cunha: uma índia entre a 'sombra da cruz' e os caiapós do sertão (Goiás, c. 1780-1831), Niterói, Eduff, 2018.

Martínez, Carolina «Patagones em el mapa del Amazonas de Samuel Fritz (1707)», *Terra Brasilis (Nova Série)*, 2020, 14, 1-13.

Metcalf, Alida C., «Women as Go-Betweens? Patterns in Sixteenth-Century Brazil», in Nora E. Jaffary (dir.), *Gender, race and religion in the colonization of the Americas*, London and New York, Routledge, 2007, p. 15-28.

Monteiro, John Manuel, *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Mota, Lúcio Tadeu, «A construção do 'vazio demográfico' e a retirada da presença indígena da história social do Paraná», s.d, consultado em 17 de março de 2021. URL: https://www.academia.edu/19638429/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_vazio_demogr%C3%A1fico_e_a_retirada_da_presen%C3%A7a_auto=download

Néspolo, Eugenia A e Cutrera, Laura María «El líder étnico, liderar y liderazgo. Los Yahatti, Lepin, Juan Manuel Cachul y Juan Catriel: hombres políticos en la frontera bonaerense » *Revista Española de Antropología Americana*, 2009, v. 39, nº 2, p. 83-10.

Nimuendajú, Curt, *Etnografia e indigenismo: sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará*, São Paulo, Ed. da Unicamp, 1993.

Parellada, Claudia Inês, «Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil», *R. Museu Arq. Etn.*, 2016, 27, p. 158-167.

DOI : 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2016.137300

Parellada, Claudia Inês, *Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*, Tese de Doutorado em Arqueologia; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005

DOI : 10.24885/sab.v17i1.197

Pickles, John, «The cartographic gaze, global visions and modalities of visual culture», in John Pickles, *A history of spaces: cartographic reason, mapping and the geo-coded world*, London and New York, Routledge, 2004.

Popó, Carli Caxias, *Cosmologia na visão xokleng*, Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura Intercultural Indígena, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

Queiroz, Christina. «O gênero da ciência: diálogo com teorias feministas abre novas frentes de investigação em distintas áreas do conhecimento», *Pesquisa FAPESP*, n. 289, março 2020, p. 18-25.

Rose, Gillian, *Feminism and Geography: the limits of Geographical Knowledge*, Cambridge, Polity Press, 1993.

Santos, Milton, *A natureza do espaço*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Scott, Joan, «Gênero: uma categoria útil de análise histórica», *Educação e Realidade*, 1995, 20-2, p. 71-99.

Raj, Kapil, «Go-Betweens, Travelers and cultural Translators», in Bernard Lightman (dir), *A Companion to the History of Science*, John Wiley & Sons, 2016, p. 39-57.

Rosa, Rogério Réus Gonçalves da, «O território Xamânico Kaingang vinculado às bacias hidrográficas e à Floresta de Araucária», *Lepaaarq*, 2005, v. 2, p. 99-115.

Rosa, Rogério Réus Gonçalves da, *Os Kujá são diferentes?: um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da terra indígena Votoró*, Porto Alegre, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Rose, Gillian, «Distance, surface, elsewhere: a feminist critique of the space of phallogocentric self/knowledge», *Environment and Planning I) Society and Space*, 1995, v. 13, p. 761-781.

Safier, Neil, «Global Knowledge on the Move: itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science», *Isis*, 2010, 101, p. 133-145.

Sleeper-Smith, Susan, *Indigenous prosperity, and American conquest: Indian women of the Ohio River Valley, 1690-1792*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2018.

Soihet, Rachel e Pedro, Joana Maria. «A emergência da pesquisa histórica da História das Mulheres e das Relações de Gênero», *Revista Brasileira de História*, 2007, v. 27 (54): p. 281-300.

Souza, Jonas Gregório de e Merencio, Fabiana Terhaag, «A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná», *Lepaaarq*, 2013, v. 10, p. 93-130.

Souza, Jonas Gregorio de e outros, «The genesis of monuments: resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil», *Journal of Anthropological Archaeology*, 2016, 41, p. 196-212.

DOI : 10.1016/j.jaa.2016.01.003

Tommassino, Kimye, *A história dos Kaingáng da Bacia do Tibagi: uma sociedade jê meridional em movimento*, Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

Tyner, Judith, *Women in American Cartography: An Invisible Social History*, Maryland, Lexington Books, 2020.

Notes

1 Scott, Joan, <Gênero: uma categoria útil de análise histórica>, *Educação e Realidade*, 1995, 20-2, p. 71-99; Caulfield, Sueann, «The History of Gender in the Historiography of Latin America», *Hispanic American Historical Review*, 2001, v. 81, 3-4, p. 229-490; Soihet, Rachel e Pedro, Joana Maria. <A emergência da pesquisa histórica da História das Mulheres e das Relações de Gênero>, *Revista Brasileira de História*, 2007, v. 27 (54), p. 281-300

2 Para uma visão abrangente nas várias áreas das ciências cf. <http://genderedinnovations.stanford.edu/what-is-gendered-innovations.html>; Queiroz, Christina «O gênero da ciência: diálogo com teorias feministas abre novas frentes de investigação em distintas áreas do conhecimento» *Pesquisa FAPESP*, março 2020, nº 289, p. 18-25.

3 Tyner, Judith, *Women in American Cartography: an Invisible Social History*, Maryland, Lexington Books, 2020, p. 1.

4 Resultados podem ser conferidos em Dym, Jordana e Offen, Karl, *Mapping Latin America: a Cartographic Reader*, Chicago, The University of Chicago Press, 2011; 3º. Simpósio Iberoamericano de História de la Cartografía, na Universidade de São Paulo, organizado por Iris Kantor em 2010; 27º International Conference on the History of Cartography., organizado por Junia Ferreira Furtado em Belo Horizonte em 2017. Primeira edição virtual do Simpósio da International Society for the History of the Map, organizado por Denise Moura e Jordana Dym em junho de 2020. Carla Lois além de vários artigos de caráter teórico e empírico, foi um dos principais nomes na fundação da reunião bianual Iberoamericana de História da Cartografia, ocorrido em sua 8ª edição em 2020, em formato virtual. Pioneiras na área no Brasil foram: Costa, Maria de Fátima, *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 1999 e Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira, *Desenho e Designio: o Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)*, São Paulo, EDUSP, 2011.

5 Bockelman, Brian e Erbig Jr., Jeffrey A, «Still Turning Toward a Cartographic History of Latin America», *History Compass*, 2020, 18, p. 4.

6 Harley, J. B, «Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe», in Paul Laxton, *The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography*, Baltimore e London, The Johns Hopkins University Press, 2001, p. 83-108.

7 Soihet, Rachel e Pedro, Joana Maria, *Op. Cit.*, p. 288.

8 Edney, Matthew H., «Cartography, and its Discontents» *Cartographica*, 2015, 50-1, p. 12.

9 Barr, Juliana, *Peace came in the form of a Woman: Indians and Spaniards in the Texas Borderlands*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2007; Sleeper-Smith, Susan, *Indigenous prosperity, and American conquest: Indian women of the Ohio River Valley, 1690-1792*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2018.

10 Notícia da Conquista, e descobrimento dos Certões do Tibagy na Capitania de S. Paulo, no governo do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, conforme as Ordens de Sua Magestade. Offerecido à Raunha N. Snra. Por Affonso de S. Payo, e Souza (...) principiado no anno de 1768 até o de 17 (74). Acampamento da Esperança, 9 jan 1774. Acompanham várias cópias de diários dos membros da expedição. Cópia. 362 p., Biblioteca Nacional, Coleção Morgado de Mateus, Rio de Janeiro, 76: 2-290, 9, 3, 14. Documento transcrito e impresso em Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Divisão de Publicações, v. 76, 1962. A partir de agora apenas Notícia da Conquista. O manuscrito não possui paginação e o número citado como página corresponde ao da folha pdf.

11 Cunha, Manuela Carneiro, «Introdução a uma história indígena», in Manuel Carneiro da Cunha (dir.), *História dos índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 17; Almeida, Maria Regina Celestino de Os *Índios na História do Brasil*, São Paulo, Editora FGV, 2013; Mota, Lúcio Tadeu, « A construção do 'vazio demográfico' e a retirada da presença indígena da história social do Paraná», s.d.; Basini, José, *Índios num país sem índios. A estética do desaparecimento: um estudo sobre imagens índias e versões étnicas*. Manaus, Editora Travessia/Fapeam, 2015.

12 Monteiro, John Manuel, *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 19; Garcia, Elisa Fruhauf, *As diversas formas de Ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2009; Erbig Jr., Jeffrey Alan, *Where caciques and mapmakers met: border making in Eighteenth-Century South America*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2020.

13 Garcia, Elisa Fruhauf, «Mulheres Brasilis: as índias e a conquista do Brasil – século XVI», in Apolinário, Juciene Ricarte Apolinário; André de Almeida Rego (org.), *Novas Histórias dos Povos indígenas no Brasil: territorialidades da escrita interdisciplinar indígena e não indígena*, Salvador, Editora Saga, 2018; Garcia, Elisa Fruhauf, «Las categorías de la conquista: las mujeres nativas em el vocabulario del siglo XVI (São Vicente, Brasil)», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2019, consultado em 17 de março de 2021, URL: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.75613>; Julio, Suelen Siqueira,

Damiana da Cunha: uma índia entre a 'sombra da cruz' e os caiapós do sertão (Goiás, c. 1780-1831), Niterói, Eduff, 2018; Micheletto, Julia Pizzardo, Vozes que não querem calar: violência colonial e estratégias de enfrentamento da mulher indígena, dissertação de mestrado em andamento, proc. FAPESP 2019/06116-7.

14 Néspolo, Eugenia A e Cutrera, Laura María «El líder étnico, liderar y liderazgo. Los Yahatti, Lepin, Juan Manuel Cachul y Juan Catriel: hombres políticos em la frontera bonaerense » Revista Española de Antropología Americana, 2009, v. 39, nº 2, p. 83-100.

15 Pickles, John, «The cartographic gaze, global visions and modalities of visual culture», in John Pickles, *A history of spaces: cartographic reason, mapping and the geo-coded world*, Londos and New York, Routledge, 2004, p. 83.

16 Esta documentação está espalhada em arquivos como o do Estado de São Paulo, Conselho Ultramarino, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Fundação Casa de Mateus, Lisboa. Parte deste material também está impresso em coleções disponibilizadas on line tais como Anais da Biblioteca Nacional, vol. 76 e Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, na Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista.

17 Erbig Jr., Jeffrey Alan, *Where caciques and mapmakers met: border making in Eighteenth-Century South America*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2020.

18 Ordens que levou o coronel Pinto do Rego pa. a expedição a q. vai do descobrimento do Tibagi, 1 de julho de 1767, Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, São Paulo, Typographia do Globo, 1940, v. LXV, p. 163.

19 Instruções sobre a expedição que partiu do porto de S. Bento sob o comando de Estevão Bayão, 7 de julho de 1769, Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. São Paulo, Typographia Andrade & Mello, 1901, v. XXXIV, p. 93

20 Ofício nº 4 do governador (...) D. Luis Antonio (...) para o conde de Oeiras (...) pelo qual comunica o envio das cópias...". Arquivo Histórico Ultramarino, Mendes Gouveia, 1 de março de 1770, cx 26, doc. nº 2489.

21 Bando em que o gen de S. Paulo novamente convida da parte de S. M. a todos os moradores desta capitania para a deligencia de penetrar o sertão do Tibagy, s. d. Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. São Paulo, Tip. Globo, 1946, p. 114-115.

22 Nimuendajú, Curt, *Etnografia e indigenismo: sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará*, São Paulo, Ed. da Unicamp, 1993, p. 63.

23 Barr, Juliana, *Peace came in the form of a Woman: Indians and Spaniards in the Texas Bordelands*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2007, 1.

24 Espaços, lugares, paisagens e territórios são fenômenos correlacionados e definidos de acordo com diferentes processos humanos. Espaço está sendo entendido como fenômeno historicamente determinado, construído socialmente pelos grupos sociais. Um espaço contém territórios, lugares e paisagens. O território é definido pelo seu conjunto de sistemas naturais e pelas criações humanas ampliadoras destes sistemas. O lugar diz respeito ao entorno vivido, embora não limitado ao local, pois sofre interferências globais. A paisagem é um tipo de palimpsesto no qual passado e presente se superpõem. Santos, Milton, *A natureza do espaço*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 29, 38-39, 67, 222, 231.

25 Rose, Gillian, *Feminism and Geography: the limits of Geographical Knowledge*, Cambridge, Polity Press, 1993; Soihet, Rachel e Pedro, Joana Maria, *Op. Cit.*, p. 291.

26 Apesar de usar este etnônimo em demandas jurídicas o reconhecido pelo grupo é laklano. Popó, Carli Caxias, *Cosmologia na visão xokleng*, Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura Intercultural Indígena, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

27 Borba, Telemaco M, «Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná», *Revista do Museu Paulista*, 1904, v. 7, p. 53-62.

28 Chmyz, Igor, «Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Piquiri», *Dédalo*, 1971, n. 13, p. 7- 31; Parellada, Claudia Inês, «Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil», *R. Museu Arq. Etn.*, 2016, 27, p. 158-167; Souza, Jonas Gregório de e Merencio, Fabiana Terhaag, «A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná», *Lepaarq*, 2013, v. 10, p. 93-130; Corteletti, Rafael e outros, «News from de field: ou como um projeto internacional começa a sair do papel», *R. Museu Arq. Etn.*, 2016, 27, p. 197-212; Corteletti, Rafael e Iriarte, José, «Recent advances in the Archaeology of the Southern Proto-Jê People», *Encyclopedia of Global Archaeology*, 2018, p. 1-11

29 Souza, Jonas Gregorio de e outros, «The genesis of monuments: resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil», *Journal of Anthropological Archaeology*, 2016, 41, p. 202.



30 Rosa, Rogério Réus Gonçalves da, «O território Xamânico Kaingang vinculado às bacias hidrográficas e à Floresta de Araucária», *Lepaarq*, 2005, v. 2, p. 5.


31 Rosa, Rogério Réus Gonçalves da, *Os Kujá são diferentes?: um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da terra indígena Votoró*, Porto Alegre, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 203

32 Sleeper-Smith, Susan, *Indigenous prosperity and American conquest: Indian women of the Ohio River Valley, 1690-1792*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2018.

- 33 Parellada, Claudia Inês, *Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná*, Tese de Doutorado em Arqueologia; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005, p. 123-126.
- 34 Tommassino, Kimye, *A história dos Kaingáng da Bacia do Tibagi: uma sociedade jê meridional em movimento*, Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995, p. 306-307.
- 35 Veiga, Juracilda, *Organização social e cosmovisão kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade jê meridional*, tese de doutorado em Antropologia social, Campinas, UNICAMP, 1994, p. 28.
- 36 Rosa, Rogério Réus Gonçalves da, *Os Kujá são diferentes”: um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da terra indígena Votoro*, Porto Alegre, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 203.
- 37 Raj, Kapil, «Go-Betweens, Travelers and cultural Translators», in Bernard Lightman (dir.), *A Companion to the History of Science*, John Wiley & Sons, 2016, p. 39-57; Safier, Neil, «Global Knowledge on the Move: itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science», *Isis*, 2010, 101, p. 133-145.
- 38 Metcalf, Alida C., «Women as Go-Betweens? Patterns in Sixteenth-Century Brazil», in Nora E. Jaffary (dir.), *Gender, race and religion in the colonization of the Americas*, London and New York, Routledge, 2007, p. 15-28.
- 39 Garcia, Elisa, «As mulheres indígenas na formação do Brasil: historiografia, agências nativas e símbolos nacionais», in Georgina Santos e Elisa Garcia (dir.), *Mulheres do mundo atlântico: gênero e condição feminina da época moderna à contemporaneidade*. Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2020, p. 27-41.
- 40 Notícia da Conquista, p. 18.
- 41 Idem
- 42 Notícias da Conquista, p. 223.
- 43 Notícias da Conquista, p. 47 Alcofa significa cesto flexível feito de vime, esparto ou folhas de palmeira.
- 44 Notícias da Conquista, p. 56.
- 45 No dicionário de Raphael Buteau “segundo o Padre Bento Pereira (...) he bolça”.
- 46 Notícias da conquista, p. 193.
- 47 Rose, Gillian, «Distance, surface, elsewhere: a feminist critique of the space of phallogocentric self/knowledge», *Environment and Planning I) Society and Space*, 1995, v. 13, p. 764.
- 48 Carta do Capitão Francisco Nunes Pereira (1770). *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*. Typographia Andrade & Mello, S. Paulo, 1901, v. 34, p. 230-234.
- 49 Bueno, Beatriz Piccolotto Siqueira, « Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo», *An. Mus. Paulo.*, São Paulo, 2009, v. 17, n. 2, p. 111-153.
- 50 Para o Conde de Oeyras (1770), *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, Typographia Andrade & Mello, S. Paulo, 1901, v. 34, p. 227.
- 51 Martínez, Carolina «Patagones em el mapa del Amazonas de Samuel Fritz (1707)», *Terra Brasilis (Nova Série)*, 2020, 14, 1-13.
- 52 Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. Typographia Andrade & Mello, S. Paulo, 1901, p. 230-234.

Table des illustrations

	Titre	Figura 1 – «Mitos indígenas inéditos na obra de Curt Nimuendaju»
	Crédits	Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1986, n. 21, p. 88.
	URL	http://journals.openedition.org/nuevomundo/docannexe/image/88268/img-1.jpg
	Fichier	image/jpeg, 687k
	Titre	Figura 2 – Projecto ou plano ajustado por ordem da S.M.F. entre o Gov.or Cap.am Gen. al de S. Paulo D. Lvis An.to Sovza e o Brigadeiro Jozé Custódio de Sá e Far.a.
	Légende	De todos os serviços que se devem obrar, e de todos os Socorros que se devem sustentar nesta parte Meridional da América Portuguesa [manuscrito].
	Crédits	Biblioteca Nacional, [S.L.; s. n.], 1772, 981,61.
	URL	http://journals.openedition.org/nuevomundo/docannexe/image/88268/img-2.jpg

Fichier	image/jpeg, 553k
Titre	Figura 3 – Projecto ou plano ajustado por ordem da S.M.F. entre o Gov.or Cap.am Gen. al de S. Paulo D. Lvis An.to Sovza e o Brigadeiro Jozé Custódio de Sá e Far.a.
 Légende	De todos os serviços que se devem obrar, e de todos os Socorros que se devem sustentar nesta parte Meridional da América Portuguesa [Manuscrito].
Crédits	Biblioteca Nacional, [S.L.; s. n.], 1772, 981,61. Destaques feitos pela autora.
URL	http://journals.openedition.org/nuevomundo/docannexe/image/88268/img-3.jpg
Fichier	image/jpeg, 191k

Pour citer cet article

Référence électronique

Denise A S de Moura, « Aos olhos da mulher indígena: cartografia, espacialidade e gênero em expedições de mapeamento no Brasil meridional (século XVIII) », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 21 juin 2022, consulté le 26 février 2024. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/88268> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.88268>

Auteur

Denise A S de Moura

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP

Droits d’auteur



Le texte seul est utilisable sous licence CC BY-NC-ND 4.0. Les autres éléments (illustrations, fichiers annexes importés) sont « Tous droits réservés », sauf mention contraire.